

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

BRUNA LAISA FERREIRA

**A CONSTRUÇÃO DA DETETIVE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO FILME
“ENOLA HOLMES”**

SÃO CARLOS
2024

BRUNA LAISA FERREIRA

A CONSTRUÇÃO DA DETETIVE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO FILME “ENOLA
HOLMES”

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho

São Carlos
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRUNA LAISA FERREIRA

A CONSTRUÇÃO DA DETETIVE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO FILME “ENOLA HOLMES”

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Linguística.

Área de concentração: Linguagem e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho

Data de aprovação: ___ / ___ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Fernando Martins Fiori
Universidade Paulista

Para meus amados pais, que me ajudaram a trilhar
o meu caminho para ser quem eu sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade da vida.

À minha família, por todo o amor e carinho.

Aos meus amigos, que tornaram os meus dias mais leves apesar dos obstáculos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho, pelo apoio e dedicação à pesquisa desenvolvida.

Aos membros da banca, que dedicaram tempo e esforço para análise do trabalho.

Aos meus professores, pelo conhecimento e paciência oferecidos a mim durante todo o processo de minha formação.

À UFSCar, em especial ao Departamento de Letras, por sua dedicação aos discentes da instituição.

?

“Diferente das moças bem-criadas, eu nunca aprendi a bordar. Aprendi a observar e ouvir, aprendi a lutar.”

(Enola Holmes, 2020)

RESUMO

O presente estudo dedica-se a analisar a construção da figura da detetive no filme *Enola Holmes* (2020), refletindo sobre a ordem do discurso e as relações de poder evidenciadas na materialidade sincrética. A questão analisada é se a emergência de uma função sujeito feminina dentro da arqueologia do detetive resulta de uma visitação ao universo sherlockiano. O objetivo geral foi analisar como a materialidade imagética da produção audiovisual atrelada ao seu discurso verbal construíram a identidade da figura feminina do detetive. Como objetivos específicos, buscou-se a) investigar as expressões corporais e faciais dos personagens observando os pequenos indícios que constroem suas identidades; b) perceber a ordem do discurso e as relações de poder representados no filme; c) pensar na revisitação histórica para a era vitoriana a partir da ordem do discurso contemporânea. A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem indutiva, analisando os dados verbais e imagéticos através dos estudos foucaultianos do discurso e da noção de Semiologia Histórica proposta por Jean Jacques Courtine, bem como o paradigma indiciário desenvolvido por Carlo Ginzburg que está na base dessa semiologia. As análises mostraram como resultados que a construção da detetive no filme é simbólica, pois é através de suas habilidades investigativas que Enola resiste ao patriarcado. Dessa forma, o que se percebeu foi a construção de uma detetive a partir do lugar social que estava inserida. Evidenciou-se uma configuração detetivesca distinta da de Sherlock Holmes.

Palavras-chave: Enola Holmes. Detetive. Construção identitária. Ordem do discurso. Semiologia Histórica.

ABSTRACT

This study examines the portrayal of the detective figure in the film *Enola Holmes* (2020) focusing on the order of discourse and the power dynamics highlighted by the syncretic materiality. It investigates whether the emergence of a female subject role within the detective archetype is influenced by the Sherlockian universe. The main objective was to analyze how the visual materiality of the audiovisual production, in conjunction with its verbal discourse, shaped the identity of the female detective character. Specific objectives included: a) investigating the characters' bodily and facial expressions to identify subtle clues that define their identities; b) understanding the order of discourse and power relations depicted in the film; c) examining the historical revisitation of the Victorian era through the lens of contemporary discourse. The research was conducted using an inductive approach, analyzing verbal and visual data through Foucauldian discourse theory, the Historical Semiotics concept proposed by Jean Jacques Courtine, and the evidentiary paradigm developed by Carlo Ginzburg. The analysis revealed that the film's depiction of the detective is symbolic, with Enola using her investigative skills to challenge patriarchy. The study found that the detective figure was constructed based on her social position, revealing a detective configuration distinct from that of Sherlock Holmes.

Keywords: Enola Holmes. Detective. Identity Construction. Order of Discourse. Historical Semiotics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A família Holmes	27
Figura 2 - Espelho	28
Figura 3 - Mycroft e Sherlock saindo trem.....	29
Figura 4 - Jogo de bilhar	30
Figura 5 - A Srta. Harrison e Enola Holmes.....	31
Figura 6 - Simetria	32
Figura 7 - Simetria	33
Figura 8 - Bordado	34
Figura 9 - As caricaturas	35
Figura 10 - Enola no jantar	35
Figura 11 - Espartilho.	36
Figura 12 - Atuação de Enola como detetive	37
Figura 13 - Espartilho	38
Figura 14 - Comparação das cenas do espartilho	39
Figura 15 - Enola dirigindo	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2. 1 A SÉRIE LITERÁRIA “OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES”	13
2. 1. 1 A personagem Sherlock Holmes	14
2. 2 A FIGURA DA MULHER NA ERA VITORIANA	16
2. 3 A ORDEM DO DISCURSO	18
2. 4 SEMIOLOGIA HISTÓRICA	20
3 METODOLOGIA DE PESQUISA E SELEÇÃO DO CORPUS	24
4 ANÁLISE DE CORPUS	26
4.1 O CONTEXTO DO FILME.....	26
4. 2 OS DISCURSOS VERBAL E NÃO VERBAL EM “ENOLA HOLMES” ...	27
4. 2. 1 A ordem do discurso em “Enola Holmes”	41
5 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso visa analisar discursivamente o filme “Enola Holmes”, observando como a identidade da personagem feminina de detetive se construiu a partir dos discursos que estavam atrelados a ela. Pensamos, assim, na ordem do discurso e nas relações de poder e como essas questões podem ser evidenciadas e discutidas a partir do signos verbais e não verbais presentes no filme. A pesquisa pode ser inserida no âmbito das discussões a respeito da imagem na Análise do Discurso e quais são os sentidos produzidos ao se observar além do texto verbal.

Neste cenário, a pesquisa que enseja esse trabalho pretende colaborar com a Análise do Discurso ao evidenciar a questão da ordem do discurso atrelada à uma materialidade sincrética, que une diversas linguagens sob uma única enunciação. Dessa forma, tanto o discurso verbal quanto o não verbal se apresentam na problemática da análise. O foco é determinar como se deu a construção de uma protagonista detetive feminina criada no âmbito ficcional de Sherlock Holmes.

O objetivo geral foi analisar de que forma o discurso verbal e imagético construíram a detetive, observando quais são as questões discursivas atreladas à sua identidade. Como objetivos específicos, temos a) a investigação das expressões corporais e faciais dos personagens, além dos demais elementos das cenas, como a gestualidade, o cenário e o figurino, observando os pequenos indícios que contribuem para a construção dos personagens; b) evidenciar como a ordem do discurso atravessa as personagens; c) pensar na mulher da Era Vitoriana e qual era o seu papel social.

Pensar nesses aspectos do audiovisual é essencial para o desenvolvimento da área científica, visto que se trata de um tema contemporâneo e de uma materialidade complexa. Também é importante abordar os aspectos discursivos pensados por Foucault (1996), integrando essa abordagem foucaultiana ao conceito de Semiologia, fazendo, dessa forma, uma diferenciação da Semiologia proposta por Saussure com a Semiologia Histórica, desenvolvida por Courtine (2023), sendo essa última a base de nossa pesquisa. Assim, pensar na construção do protagonismo feminino dentro de uma materialidade sincrética no âmbito ficcional sherlockiano nos permite trabalhar com a nova figura do detetive, articulando sobre as relações de poder e como elas estão evidenciadas dentro do objeto de pesquisa.

A pesquisa proposta, em termos de método de abordagem, classifica-se como indutiva. Dessa forma, o material utilizado para a pesquisa foi o filme *Enola Holmes* (2020). Desse material, foram selecionados tanto o corpus verbal quanto o imagético. Para a execução da análise, usamos como a base de nossa sustentação teórica as contribuições de Foucault (1996) e (2008), no que se refere à ordem do discurso, e a teoria da Semiologia Histórica, proposta por Courtine (2013) e (2023), visando pensar nas expressões corporais e gestuais, percebendo como estes constroem os discursos e a identidade dos sujeitos.

Como referência do que se refere ao paradigma indiciário, conceito no qual se baseia a Semiologia Histórica, Braga (2014) foi essencial no desenvolvimento da pesquisa. Além disso, Beth Brait (1985) e Antonio Candido (2009) tiveram papel significativo no desenvolvimento da pesquisa no que se refere à construção da personagem, exprimindo as contribuições de E. M. Forster.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, além da introdução, possui mais quatro capítulos. No capítulo 2, é apresentado a fundamentação teórica utilizada no desenvolvimento da pesquisa. Logo em seguida, no capítulo 3, discorre-se sobre a metodologia de pesquisa e como foi realizada a seleção do corpus. No capítulo 4, teremos a análise da pesquisa, em que se discute a construção da detetive na produção audiovisual “*Enola Holmes*”. No quinto e último capítulo, finalizaremos o trabalho apresentando os resultados obtidos. Encerra-se o capítulo da introdução para dar continuidade ao trabalho, apresentando, logo em seguida, o referencial teórico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A SÉRIE LITERÁRIA “OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES”

A série literária “Os mistérios de Enola Holmes”, escrita pela estadunidense Nancy Springer (2022), tem como protagonista a irmã mais nova do célebre detetive Sherlock Holmes, o famoso personagem de Conan Doyle (1859-1930). A série, lançada em 2006, conta a história da personagem Enola, que busca o seu lugar no mundo ao se reinventar comodetetive, seguindo os passos do irmão mais velho.

A narrativa pode ser considerada um “cozy mystery” que, traduzindo para o português, significa “mistério aconchegante”. Nesse subgênero de ficção policial, o teor sexual e atos brutos de violência quase não aparecem. Trata-se de uma história ficcional em que um detetive inexperiente tenta desvendar algum caso. O suspense e a investigação tendem a ser cativantes, mais voltadas para a resolução do mistério do que para cenas de violência. O teor humorístico presente na escrita também é uma característica, além de reviravoltas instigantes. Um exemplo desse gênero da literatura são os livros da escritora britânica Agatha Christie (1890-1976).

[...] nem toda ficção policial é aconchegante, o que às vezes pode dificultar a diferenciação. Cozy Mysteries são caracterizados por um tom mais leve e elementos reconfortantes. A maneira mais simples de distinguir entre eles é não focar apenas no crime, mas nos personagens. O crime geralmente é semelhante em ambos os casos, frequentemente envolvendo assassinato ou algum crime violento. Ambos os tipos de histórias também costumam oferecer pistas ao longo da narrativa para envolver o leitor na resolução do crime junto com o protagonista (Santos, 2023).

Em 2020, a Netflix lançou em sua plataforma a adaptação do primeiro livro da série, “Enola Holmes: o caso do marquês desaparecido”, o que possibilitou ainda mais a notoriedade da narrativa da jovem detetive. A história original de Springer recebeu diversas modificações ao ser roteirizada, como a substituição de personagens e um rumo diferente para a trama. Por conseguinte, no ano de 2022, a adaptação do segundo livro, “Enola Holmes: O caso da senhorita canhota”, chegou à plataforma de streaming.

O segundo filme, denominado “Enola Holmes 2”, assim como o primeiro filme, também obteve bastante sucesso. Tanto a narrativa literária quanto a audiovisual contém muitos elementos do universo sherlockiano. Na história, a jovem detetive Holmes é criada de modo impensável de acordo com os costumes da época, tendo uma mãe feminista, que luta por um mundo igualitário para a sua filha. No um olhar contemporâneo que se volta

para o período histórico vitoriano, projetando temáticas atuais, como a luta feminina. Consequentemente, essa forma de pensar faz surgir em Enola a necessidade de ser independente e não crer nas limitações que a sociedade impõe sobre o seu gênero.

2. 1. 1 A personagem Sherlock Holmes

O ilustre personagem de Conan Doyle teve sua primeira aparição em 1887, na obra “Um estudo em vermelho”. A partir disso, outras histórias do detetive foram publicadas, tornando o personagem mundialmente conhecido. Sherlock Holmes foi criado no momento da industrialização das cidades inglesas. A figuração de detetive nesta época estava associada à proteção da burguesia contra a criminalidade. Com sua personalidade positivista, reflexo das correntes filosóficas vigentes do século XIX, o personagem possui um olhar investigativo e uma habilidade para deduções surpreendentes, além de um certo narcisismo e frieza: “Todas as emoções [...] eram detestáveis à sua mente fria, precisa, mas admiravelmente equilibrada.” (Doyle, 2011, p.7). Narrado pelo personagem Dr. John Watson, Sherlock Holmes é descrito como uma figura brilhante e diferenciada.

Era então que a ânsia da caça tomava conta dele subitamente e sua brilhante capacidade de raciocínio elevava-se ao nível da intuição, fazendo por fim com que os que não conheciam seu método olhassem-no de esguelha, como um homem cujo conhecimento não se equiparava ao do comum dos mortais (Doyle, 2011, p.63-64).

Portando, podemos compreender que Sherlock se tornou uma personalidade, um arquétipo, uma referência da sagacidade masculina, possuindo uma grande importância na literatura (Nebias, 2017). Logo, Sherlock Holmes pode ser considerado uma personagem redonda. Esse conceito, pensado pelo romancista britânico E. M. Forster, difere as personagens denominadas *round* (redondas) das personagens *flat* (planas).

As personagens planas eram chamadas temperamentos (humours) no século XVII, e são por vezes chamadas tipos, por vezes caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera. (Forster, 1949, pp. 66-67 apud Candido, 2009, p.58-59).

Segundo Beth Brait (1985), as personagens classificadas como redondas são dinâmicas e multifacetadas, constituindo imagens muito particulares do ser humano. São personagens complexas, que possuem várias qualidades que convencem o leitor.

As personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens

totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. Para exemplificar, poderíamos recorrer ao elenco das personagens criadas pelos bons escritores e que permanecem como janelas abertas para a averiguação da complexidade do ser humano e potência da escritura dos grandes narradores” (Brait, 1985, p.42).

A partir disso, é possível perceber que Sherlock Holmes se destaca significativamente devido à sua caracterização marcante, única e complexa. Segundo Nebias (2017) a figura de Sherlock está inserida na configuração de “detetive máquina”. No século XIX, contexto no qual o personagem foi criado, o mundo é visto como uma máquina, por ser o momento das cidades industriais. Esse pensamento, reflexo da corrente positivista, contribui para a caracterização de Holmes.

Com Edgar Allan Poe e sua personagem Dupin, no conto “Os assassinatos da Rua Morgue”, a ficção policial surge justamente nessa época, visto que as narrativas ficcionais refletem ideias e valores dos momentos históricos em que são criadas. Assim como uma máquina de pensar, racional e observador, a figura do detetive é pensado como um defensor da classe burguesa do século XIX.

Representado geralmente por uma figura masculina, a figura do detetive tornou-se a representação mais bem sucedida da ficção policial, ganhando notoriedade também nas produções audiovisuais. Levando essas noções em consideração, podemos pensar na figura do detetive do século XIX sob a perspectiva feminina, percebendo todo o contexto da Era Vitoriana e todos os estigmas associados à figura da mulher.

2.3 A FIGURA DA MULHER NA ERA VITORIANA

A Era Vitoriana foi um período de grande importância para a história britânica. O reinado da Rainha Vitória, ocorrido entre os anos 1837 a 1901, foi marcado pela industrialização das cidades, avanços marítimos e conquistas territoriais. Mas, além do desenvolvimento econômico, as conquistas sociais também fazem parte dessa época, como a luta pelos direitos femininos. Na Inglaterra Vitoriana, a sociedade era marcada pelo patriarcado e o papel feminino era restrito ao casamento e à família. A mulher, geralmente, desta forma, era educada para ser mãe e esposa. Tinha-se a submissão como parte da cultura do matrimônio.

Excluída do mundo público dos negócios e recolhida ao mundo privado do lar, por injunções de uma estratificação social fundada na diferença dos sexos, era de se esperar que as jovens de ‘boa família’ recebessem uma educação [...] destinada apenas a fazê-las reluzir nas salas de visita e a cativar com o seu brilho o olhar de algum pretendente (Monteiro, 1998, p.62).

Havia diferenças na realidade das mulheres de classes sociais mais baixas e das de classes mais altas. As que pertenciam à uma família com mais condições tinham, conseqüentemente, acesso aos estudos, podendo futuramente trabalhar como professora. As que não tinham as mesmas condições, exerciam trabalhos muito precários, em locais como indústrias ou minas de carvão. Também podiam trabalhar como criadas ou babás em casas de família.

Sobre a educação, as meninas de famílias ricas, geralmente, estudavam em casa com professores particulares. Dedicavam-se ao corte e costura, bordado, culinária, etiqueta, literatura e arte. Dependendo da família, podiam estudar poesia, música e um pouco de matemática. Muitas frequentavam colégios internos, conhecidos pelo conservadorismo e rigidez, visto que essas instituições tinham o intuito de preparar as moças para a vida matrimonial.

Contudo, mesmo as mulheres estudadas e afortunadas podiam sofrer discriminação apenas por serem mulheres. Isso porque a figura feminina era considerada menos intelectual que a masculina. Na verdade, “a mulher que tentasse usar sua inteligência para outros fins era apontada como violadora da ordem natural das coisas e da religião” (Zolin, 2003, n.p apud Fabrício, 2015, p.4).

Outra questão importante dessa época diz respeito ao padrão de beleza e à moda. O código de vestimenta era extremamente rígido, principalmente para as mulheres. O espartilho, por exemplo, fez parte do guarda-roupa da mulher vitoriana. Usava-se a peça por baixo dos saíotes com o objetivo de afinar a cintura e deixar o corpo com o formato de uma ampulheta. O espartilho era essencial para o vestuário feminino naquela época, mesmo que causasse dor e enfermidades. A peça, muitas vezes, podia inclusive levar a óbito.

Por volta do início da década de 1820 ocorreu uma mudança na definição da silhueta feminina: a linha da cintura, que permaneceu logo abaixo dos seios por cerca de um quarto de século, voltou à sua posição normal e começou a ficar cada vez mais apertada. [...] Pode-se imaginar que essa moda das cinturas finas acabou por impor às mulheres um padrão extremo de beleza, que poderia colocar em risco a sua saúde. Os desmaios eram comuns, provocados pela falta de ar devido ao excesso de ajuste dos espartilhos (Santana, 2016, p.194)

Além disso, o padrão de beleza vitoriano incluía as maquiagens letais. O chumbo era um dos produtos químicos mais utilizados pelo público feminino, isso porque o material, que era extremamente tóxico, tirava as manchas da pele, deixando-a pálida. A tonalidade de pele mais clara era um indicativo de status social, indicando que a mulher não precisava sair de casa para trabalhar, expondo-se ao sol.

Além disso, havia um colírio, que era muito consumido pelas mulheres na época. Feito com beladona, conhecida por ser uma planta venenosa, o colírio deixava os olhos irritados e úmidos. O efeito desse olhar trazia à mulher uma aparência entristecida e frágil, transparecendo insegurança e submissão. Isso atraía a atenção dos homens, que procuravam esposas inseguras, submissas, que eram consideradas as “boas mães e esposas”.

Contudo, no final do século XIX e começo do XX, as mudanças sociais e econômicas abalaram os padrões sociais. Logo, o conhecimento intelectual e os direitos políticos tornaram-se parte da luta. A ordem social passou a ser modificada, mesmo com as tentativas de enfraquecimento por parte da sociedade, tanto por homens quanto por mulheres, que não aderiram às ideias feministas. Segundo Fabrício (2015), a passagem do século XIX ficou marcada pelo surgimento do movimento feminista. As mulheres lutaram pelo direito de voz na sociedade, depois de longos tempos de discriminação. Assim, o movimento é o começo libertação da mulher.

O movimento feminista dar-se-ia não apenas como um movimento ordenado, mas como libertação da mulher, partindo de todas as esferas, seja na vida privada, doméstica, sexual, no trabalho, na educação e na política. Com o surgimento do movimento feminista, alguns padrões foram quebrados e as mulheres começaram a ganhar espaço na sociedade, tendo seus valores e seus direitos parcialmente adquiridos (Fabrício, 2015, p. 4).

Com isso, é possível compreender que, neste período do final do século XIX, as mudanças referente à figura feminina entraram em embate com os ideais já estabelecidos socialmente. O impacto disso foi a marginalização das mulheres pela sociedade, que não aceitava a igualdade de gênero. O conservadorismo e o patriarcalismo concedia às pessoas uma visão de mundo, uma certa ordem das coisas. Entende-se que as relações de poder da Era Vitoriana, estabelecidas pelo patriarcado, mantinham as mulheres em certos lugares sociais. O surgimento do feminismo, por sua vez, estremecia esse padrão.

2.3 A ORDEM DO DISCURSO

Para Michel Foucault (1996), o discurso serve para transmitir, articular ou excluir ideias, justamente porque está atrelado a um jogo de poder. Dessa maneira, aquele que domina o discurso é capaz de dominar os mecanismos de poder. As práticas discursivas podem ser definidas como “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma

determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2008, p. 133).

Assim, compreendemos, segundo as palavras do filósofo, que os discursos estão atrelados a um jogo de poder, determinado pelo contexto no qual está inserido. Em sua obra “A ordem do Discurso”, Foucault (1996) destrincha esse pensamento, apresentando como os discursos são organizados e ordenados, apresentando os seus mecanismos de controle.

Podemos assimilar esses mecanismos como procedimentos utilizados pelos sujeitos do discurso para estabelecer uma certa organização do que é dito, sustentada pelas relações de poder. De acordo com Foucault, há mecanismos internos e externos. Nesse trabalho abordamos somente os mecanismos externos, que são os procedimentos de exclusão do discurso.

O primeiro mecanismo externo de controle do discurso é denominado “interdição” e consiste no “tabu do objeto”, no “ritual da circunstância” e no “direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala”. Em outras palavras, a interdição pode ser definida como aquilo que pode ou não ser dito, quais são os lugares e contextos que tal discurso pode ou não aparecer e quem tem o direito de reproduzir determinado discurso.

Segundo Foucault (1996), não se pode dizer tudo em qualquer tempo e espaço. Isso ocorre porque existem “normas” que estabelecem o que pode ou não ser proferido em um dado momento histórico, quem tem o direito de dizer e de que maneira deve ser dito: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”(Foucault, 1996, p.9).

O próximo mecanismo de exclusão é chamado de “separação ou rejeição”, que está associado à oposição razão *versus* loucura. Sujeitos considerados loucos dentro de um contexto social não devem ser ouvidos em uma sociedade fundamentada na racionalidade. Gera-se, assim, uma desautorização da fala e, conseqüentemente, do discurso embutido. Outro procedimento interno de controle do discurso é a oposição verdadeiro *versus* falso, que está associado ao fenômeno da loucura. Para Foucault, na sociedade, o discurso do louco é dado como falso:

[..] desde a alta Idade Média, louco era aquele cujo discurso não podia circular como os das outras pessoas, pois suas palavras eram consideradas nulas, portanto, despossuídas de verdade [...]. A sua palavra não era ouvida ou caía no nada. Porém, era através de sua palavra que se exercia a separação entre razão ou loucura. (Bernardes, 2004, p. 248).

No entanto, é factível interpretar a loucura como uma simples linha de pensamento divergente da convencional. E, como mesmo questiona Foucault no início da obra, “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (Foucault, 1996, p.8). O perigo se encontra justamente atrelado ao jogo de poder. Os sujeitos controlam os discursos e estes controlam os sujeitos. Aquele que é rotulado como louco, o que profere algo fora do convencional, pode ocasionar uma mudança na ordem do discurso, visto que o discurso não somente reflete os acontecimentos, mas também os edifica.

Dessa forma, é através do discurso que os pensamentos são mantidos ou excluídos de uma dada sociedade. Assim, "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (Foucault, 1996, p.10). Compreendemos, de acordo com as palavras de Foucault, que os sistemas de dominação funcionam através do discurso.

Desse modo, o discurso oferece um certo perigo ao se disseminar, pois é através dele que se tem as ideias, os saberes e os pensamentos dos indivíduos, que modificam o padrão e a ordem das coisas. O conhecimento sobre a ordem do discurso, ou seja, como as práticas discursivas estão ordenadas e coordenadas, é fundamental para a compreensão das relações de poder e dos mecanismos de controle. Por meio desse controle, implementa-se uma hierarquização, em que grupos sociais determinam os discursos que podem ou não ser propagados.

Dessa forma, temos que os enunciados produzem e reproduzem redes de significações, que podem modificar o padrão de pensamento do sujeito. Sobre a ordem do discurso e as relações de poder que estão atreladas a ela, podemos refletir sobre os diferentes tipos de discursos, que não precisam ser necessariamente verbais. A imagem, por exemplo também carrega sentidos e reflete o sujeito tanto quanto suas palavras. As expressões corporais e gestuais podem sugerir reflexões sobre o discurso e a sua ordem. Por conseguinte, passaremos a compreender a Semiologia Histórica, teoria desenvolvida pelo linguista francês Jean-Jacques Courtine, em que os discursos não verbais, principalmente no que se refere a linguagem das expressões do corpo do sujeito, são evidenciados e colocadas em análise.

2. 4 SEMIOLOGIA HISTÓRICA

Segundo Ferdinand Saussure (Courtine, 2013), a Semiologia pode ser definida como uma ciência que estuda os signos no seio da vida social. Em suma, ele defendia que a semiologia concebe as leis que os regem, sustentando todos os sistemas sígnicos. Para ele, a linguística é apenas uma parte da semiologia, abrangendo somente os signos verbais, ou seja, o discurso verbal. Entretanto, os signos não verbais podem carregar sentidos tão amplos quanto os verbais.

Segundo Braga (2014), a partir do movimento estudantil de Maio de 68 na França, inicia-se uma nova configuração discursiva, que tem seu apogeu na década de 80, em que a publicidade e as tecnologias oferecem ao discurso político uma nova configuração. O discurso político partidário não poderia ser mais analisado somente observando os signos linguísticos presentes na mensagem. O corpo e as expressões faciais tornaram-se essenciais para o processo de análise.

A tecnologia e a publicidade faziam parte dessa configuração. Assim, a “língua de madeira”, que corresponde as expressões políticas do velho comunismo, seria substituída pela “língua de vento. Essa última refere-se ao entrecruzamento da linguagem publicitária com a linguagem política. O discurso, desse modo, tornou-se mais heterogêneo, visto que as imagens se faziam presente, oferecendo um novo modo de análise. Os textos se transformavam cada vez mais em materialidades sincréticas e não se poderia mais dissociar o visual do verbal.

O termo sincretismo pode ser compreendido de várias maneiras. Nesse trabalho, utilizaremos a noção desenvolvida por Bevidas. Segundo ele, o sincretismo é “[...] o estabelecimento de funções intersemióticas entre as funções semióticas dos códigos presentes numa linguagem complexa” (Torres, 2013, p.33). Assim, as linguagens complexas (como a imagem e o verbo) sincretizam-se (integram-se) para se obter uma significação homogênea. Dessa forma, as linguagens presentes em uma materialidade complexa constroem seu sentido combinando-se entre si.

Por sua vez, no que diz respeito à Semiologia Histórica, o discurso do sujeito político pode ser analisado com base na sua imagem para além de sua fala. Tanto o verbal quanto o não verbal constroem a imagem daquele indivíduo que diz.

Depois, nos anos 1960, discerne-se ainda com a extensão do paradigma estruturalista, para além exclusivamente da linguística, torna necessário que o projeto semiológico seja desenterrado do esquecimento em que se havia confinado, e ele passa a constituir a cavilha mestra de uma transferência massiva de noções linguísticas na direção do

campo da literatura, da antropologia, da análise das imagens; muito além, por sinal que Saussure havia realmente podido imaginar [...] (Courtine, 2013, p. 35, grifo nosso).

A Semiologia Histórica (Courtine, 2013) tem como objetivo compreender e explicar como materialidades complexas, que envolvem diferentes tipos de texto, como imagem e texto verbal, que podem ser estudadas dentro da Análise do Discurso. E, para se estudar uma materialidade sincrética, como uma imagem, a fim de entender qual é e como se deu sua significação, deve-se procurar os indícios em seu objeto de análise.

Existiriam, pois duas semiologias. Aquela imaginada por Saussure, fundada em sua concepção do signo linguístico, que nos situa no universo desmaterializado e sistêmico do uso consciente dos códigos e dos signos [...]. E outra, de inscrição antropológica muito mais antiga, **baseada no ajustamento de indícios depositados mais ou menos conscientemente ao longo dos conjuntos significantes**[...] (Courtine, 2013, p.40, grifo nosso).

Essa investigação do objeto através dos indícios é denominada "paradigma indiciário", conceito pensado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Segundo ele (Braga, 2014), o paradigma indiciário diz respeito à natureza caçadora do ser humano. Essa natureza advém de um saber chamado "saber venatório", uma habilidade de rastreamento e formular suposições a partir dos rastros encontrados. A partir da observação de fragmentos, o ser humano, de acordo com Ginzburg, pode-se encontrar um todo. Essa habilidade seria um modo de operação da medicina, em que os sinais e sintomas do ser humano levariam a descoberta de condições ou doenças.

Ginzburg percebeu essa relação ao refletir sobre Giovanni Morelli, Sherlock Holmes e Sigmund Freud. Morelli era um historiador de arte do século XIX, cujo principal trabalho era verificar a autoria de quadros, através da procura minuciosa de indícios presentes nas obras de arte, buscando verificar a veracidade delas. O personagem ficcional Sherlock Holmes é um detetive. Logo, soluciona seus casos através das pistas e sinais deixados no local do crime da narrativa. Por último, temos Freud, que era neurologista e psiquiatra, logo, sua profissão exigia que ele fizesse o diagnóstico através de sintomas e indícios clínicos.

Qual é, pois, a relação, pergunta-se então Ginzburg, entre Morelli, Freud e Conan Doyle? **Todos os três eram médicos.** Significa dizer que todos os três praticavam, no mesmo momento que Saussure inventava a teoria da língua e a colocava sob o apadrinhamento da semiologia, **outra semiologia, oriunda da tradição médica.** (Courtine 2013 p. 40, grifo nosso).

Podemos compreender que a Semiologia Histórica, desenvolvida por Courtine, está justamente dentro do conceito do paradigma indiciário, tendo assim origem no âmbito da semiologia médica, em que os pequenos indícios possibilitam uma descoberta. O discurso não verbal, desta forma, permite interpretações que não eram possíveis apenas com o texto verbal. Gera-se novos efeitos de sentido e novos métodos de análise.

É a partir disso que Courtine desenvolve sua pesquisa sobre a corpo e o gesto, analisando e explorando como estes são fundamentais para a Análise do Discurso. Assim, A Semiologia Histórica tem como objetivo compreender os discursos imagéticos dentro da Análise do Discurso. Assim, para se estudar um objeto complexo e híbrido, como as produções audiovisuais, a fim de entender qual é e como se deu sua significação, seria necessário se tornar uma espécie de médico (ou detetive) do objeto de análise, procurando determinados indícios. Estes estariam presentes na expressão imagética do objeto, que está relacionado com o corpo, o gesto e tudo o que tem a ver com a expressão do sujeito, não somente sua fala oral.

Um conceito no qual a teoria da Semiologia Histórica abrange, também desenvolvido por Courtine, é o de “intericonicidade”. Segundo ele, os objetos imagéticos fazem surgir sentidos que antes estavam restritos ao campo linguístico, criando desta maneira, uma memória visual. Surge uma rede de novos sentidos entrando em conflito com os sentidos anteriores, através da ideia de intericonicidade, valoriza-se o domínio de memória no registro imagético. A imagem descreveria uma cultura visual, uma memória, um interdiscurso que a AD já está familiarizada, mas refletindo novos sentidos. A intericonicidade está relacionada com a articulação entre as imagens e, conseqüentemente, com a constituição do vínculo entre elas, através de uma memória visual discursiva.

Como articular estas imagens umas com as outras, como reconstituir estes vínculos que dão seu sentido aos ícones de uma cultura para os indivíduos que compartilham sua memória? **Pelo ajustamento, pela detecção do material significante da imagem, pelos indícios, pelos rastros que outras imagens ali depositaram**, e pela reconstrução, a partir destes rastros, da genealogia das imagens de nossa cultura. (Courtine, 2013, p. 44, grifo nosso).

Partindo desse pressuposto, entende-se que a Semiologia Histórica observa o diálogo sobre as imagens, investigando toda a rede de memória através de uma série de imagens. Segundo Courtine (2023), o corpo e o rosto são objetos tanto históricos como culturais e estão associados ao registro da expressão, às práticas da linguagem e suas transformações. Dessa forma, para Courtine (2023) o corpo é o “tecido” da linguagem e

está relacionado intrinsecamente à ela, justamente por se tratar de um sujeito que fala e, conseqüentemente, que expressa seus pensamentos.

Com isso, compreendemos que a Semiologia Histórica desenvolvida por Courtine remete à linguagem e à imagem do sujeito que se expressa, associando essas duas categorias de forma que não seja possível separá-las. O corpo, além do texto, tornou-se parte da materialidade analisada dentro da Análise do discurso. Por conseguinte, é possível compreender que, utilizando os métodos de análise propostos pela Semiologia Histórica, podemos desenvolver uma discussão sobre a construção da figura da detetive feminina presente em uma materialidade sincrética.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA E SELEÇÃO DO CORPUS

O objeto de análise usado no presente trabalho foi o filme *Enola Holmes* (2020). A pesquisa foi desenvolvida através do método indutivo, visando observar a materialidade audiovisual e a sua construção discursiva. Dessa forma, através da seleção de um corpus estudamos o objeto de análise.

O primeiro processo para a realização dessa análise foi a leitura da obra “*Enola Holmes: o caso do marquês desaparecido*”, adquirido pelo site “Estante Virtual”. A leitura do primeiro livro da série teve como o propósito de familiarizar com a obra literária e as nuances da construção da identidade da personagem proposta por Nancy Springer (2022). Com isso, foram realizadas anotações sobre a narrativa e os personagens, principalmente no que diz respeito à detetive protagonista da série e ao universo de Sherlock Holmes em que a narrativa de Springer estava inserida.

Sobre o universo sherlockiano, também analisamos a personagem, buscando compreender sua personalidade e traços marcantes. Utilizando as narrativas literárias de Conan Doyle (2011), pensamos em como o personagem se configura. Beth Brait (1985) e Antonio Candido (2009) foram importantes nessa etapa, com suas reflexões sobre a construção de personagem baseadas nas contribuições de E. M. Forster. Outro passo importante foi a investigação do contexto vitoriano e o papel feminino que estava atribuído à essa época. Por isso, foi necessária uma revisitação histórica sob o olhar contemporâneo.

Após esse processo, o filme *Enola Holmes* (2020), disponível na plataforma Netflix, foi mapeado, o que mais se procurou observar foi a construção da figura feminina no papel da protagonista detetive no contexto social do filme, ou seja, a Era Vitoriana. Com o mapeamento da materialidade fílmica, foi realizada uma seleção dos discursos verbal e não verbal. Para isso, as cenas mais relevantes da pesquisa foram recortadas.

Assim, houve a seleção de imagens e transcrição da narração e diálogos do filme. Pensamos inicialmente em separar os dois tipos de discurso (verbal e visual), procurando analisá-los individualmente. Entretanto, ao analisar o filme, notou-se que, tanto o verbal quanto o visual, estavam interligados e, refletiam juntos importantes sensibilidades discursivas. Por conseguinte, optamos por analisar o verbal e o imagético ao mesmo tempo.

Com o corpus de pesquisa selecionado, o passo seguinte da pesquisa foi a execução de uma análise descritiva dos diálogos, das narrações e das imagens, tendo como propósito a observação da construção discursiva da figura feminina do detetive. Ao decorrer da pesquisa, foi-se observando uma questão importante a respeito dos determinados personagens da trama

e como essa questão influenciava na identidade de Enola. Assim, investigou-se também a construção desses personagens.

Utilizamos para isso contribuições de Foucault (1996) e (2008), para analisarmos a questão da ordem do discurso que reflete da adaptação e o que sugerem as práticas discursivas presentes no discursos, tanto orais quanto visuais. Por isso, através do paradigma indiciário e da Semiologia Histórica pensada por Courtine (2013) e (2023), analisamos os recortes selecionados através dos indícios, que se davam a partir dos elementos das cenas e das expressões corporais e gestuais das personagens.

Vale ressaltar que nos atentamos em elementos do cenário, no figurino e nas expressões corporais dos personagens, recolhendo as imagens e as falas. Elementos como o movimento e ângulo de câmera, , trilha sonora entre outros aspectos inerentes à linguagem cinematográfica não foram explorados durante a análise. Encerra-se o capítulo da metodologia e seleção do corpus. No próximo capítulo, apresenta-se a análise da pesquisa.

4 ANÁLISE DO CORPUS

4.1 O CONTEXTO DA FILME

A narrativa de “Enola Holmes” é ambientada na Inglaterra durante a Era Vitoriana. A estrutura familiar de Enola Holmes é apresentada logo no início da trama. A protagonista possui dois irmãos mais velhos, Mycroft e Sherlock. Com seu pai, já falecido, a personagem foi criada pela mãe, visto que seus irmãos saíram da casa da família desde que Enola era uma criança muito pequena. A matriarca Eudoria Holmes, uma mulher feminista com ideais revolucionários, passou a criar sua filha de modo não convencional na propriedade da família, denominada “Ferndell Hall”, que estava ambientada no interior do país.

Dessa maneira, Enola não aprendeu as habilidades e afazeres comuns a uma mulher do século XIX. Assim, atividades envolvendo o mental e o físico, como leitura, xadrez, esgrima e luta fizeram parte da infância e adolescência da personagem. Contudo, no dia do décimo sexto aniversário de Enola Holmes, sua mãe desaparece misteriosamente. Sem saber o que houve, a jovem decide procurar seus irmãos mais velhos, com a esperança de que eles possam resolver o mistério, trazendo sua mãe de volta.

Porém, Mycroft não se demonstra nem um pouco satisfeito ao descobrir a maneira como Enola foi criada. Por isso, o irmão, sendo o mais velho e, portanto, o guardião legal de Enola na ausência de sua mãe, resolve matricular a mais nova em um internato feminino. Temendo perder a sua liberdade, a protagonista foge para Londres, com o objetivo de encontrar sua mãe.

Nessa viagem, Enola conhece um jovem marquês que corre perigo. Mudando o rumo de seu destino, a protagonista coloca seus conhecimentos e habilidades em prática para salvar o rapaz. Durante todo o percurso, Enola descobre seu talento para ser detetive e decide colocá-lo em prática, desvendando os mistérios que aparecerem ao longo de sua jornada.

4.2 O DISCURSOS VERBAL E NÃO VERBAL DE “ENOLA HOLMES”

A educação de Enola é um dos aspectos mais importantes da trama, visto que é a partir desse ponto que sua personalidade é construída. Eudoria Holmes, a mãe de Enola, é representada por uma mulher viúva e mãe de três filhos, que criou sozinha a filha mais jovem. A mãe se transforma na matriarca da família logo após o falecimento do marido, e isso contribui para o modo como a protagonista é educada. Se observarmos a figura 1 a seguir, veremos que a sequência das duas imagens não foi por acaso. Na imagem da esquerda, a família Holmes está completa, estando Enola no colo de sua mãe. Na imagem da direita, por sua vez, somente Eudoria e Enola estão presentes, mas a menina está no chão, mesmo sendo pequena.

Figura 1 - A família Holmes



Fonte: Enola Holmes (2020).

Essa nova configuração familiar evidencia a personalidade da matriarca. Desde jovem, a mãe oferecia à Enola liberdade para crescer sem se ater aos padrões estabelecidos socialmente. O colo, além do afeto, pode representar o controle. O chão, por sua vez, seria a conquista de sua liberdade e de seu espaço no mundo. Essa característica se confirma nas narrações de Enola, em que esta relata a vida cotidiana ao lado da mãe na propriedade da família. Logo no início, Enola descreve sua mãe como sendo uma mulher muito diferente do tradicional: “Ela não era uma mãe comum. Ela não me ensinou a fazer colar de concha nem a treinar bordado” (Enola Holmes, 2020, 1’38”). O bordado é um ponto importante inserido no discurso verbal do filme, visto que essa prática artística era uma das poucas atividades que uma mulher podia realizar naquela época. Desse modo, o que é evidenciado, através da fala da protagonista, é que a mãe de Enola oferecia à sua filha outras possibilidades de ser mulher.

Na figura 2, observamos Enola ainda criança ao lado de sua mãe, enquanto as duas brincam na frente de um espelho. Essa simples imagem contém um significado importante, visto que ambas as personagens utilizam bigodes falsos no rosto, remetendo à figura masculina. Além disso, ao repararmos com mais enfoque, notaremos que há um retrato da figura de um homem no reflexo do espelho atrás das duas personagens. Assim, as duas figuras femininas, que estão em destaque na cena, estão caracterizadas como masculinas, colocando, desse modo, a representação do homem no quadro em segundo plano. Apesar de ser sutil, é notável que essa cena reforça esse ponto de vista de uma força feminina na narrativa.

Figura 2 - Espelho



Fonte: Enola Holmes (2020).

Acompanhando essas duas imagens presentes na figura 2, temos a narração de Enola: “Mamãe dizia que podíamos fazer o que quiséssemos em Ferndell, e ser quem quiséssemos” (Enola Holmes, 2020, 2’3”). Com base nessas imagens e na fala da protagonista, compreendemos que os ideais de liberdade de escolha, cultivados por Eudoria Holmes, foram essenciais para a construção de Enola ao longo do enredo.

Quando sua mãe desaparece, duas novas figuras são apresentadas à narrativa: Mycroft e Sherlock. Os irmãos da protagonista se caracterizam de maneira bastante significativa no enredo. Mycroft Holmes, o primogênito, possui uma forte personalidade, quase caricata, defendendo a tradição e os bons costumes propostos pela sociedade. Em seu discurso há falas misóginas que acompanham alguns gestos que sugerem a mesma ideia.

No decorrer do filme, Mycroft demonstra essas características, tanto pelo verbal quanto pela expressão corporal. Sherlock, no entanto, mostra-se um pouco mais flexível do que o irmão. O detetive, diferente do personagem criado por Conan Doyle, não é caracterizado por seu narcisismo exarcebado, nem pelas falas misóginas e preconceituosas. Ele é colocado como um modelo interessante para Enola, que o admira por suas habilidades e perspicácia. Mesmo assim, quando Mycroft insiste em levar Enola para um internato, Sherlock não o impede, evidenciando uma certa convivência.

Figura 3 - Mycroft e Sherlock saindo trem



Fonte: Enola Holmes (2020).

Na figura 3 acima, é possível notar a diferença de comportamento entre os dois personagens. Mycroft, à esquerda, está preocupado com as suas vestimentas, olhando para si mesmo enquanto limpa o sobretudo com as mãos. Sherlock, à direita, olha para frente, reparando no ambiente a sua volta. Sobre o discurso verbal dos dois personagens, percebemos uma distinção também. Enquanto Mycroft se atenta à aparência de Enola, julgando suas vestimentas e seu comportamento, Sherlock não se importa com as roupas da irmã. Em determinada fala Mycroft, exclama, expressando o seu repúdio à imagem da jovem: “Meu Deus! Está tão desleixada! Onde estão o chapéu e as luvas?”(Enola Holmes, 2020, 5’55”).

O personagem demonstra-se preocupado com o status e as aparências em várias passagens do filme. Enola, no entanto, responde de forma simples: “Eu tenho chapéu, mas coça a cabeça. E eu não tenho luvas”(Enola Holmes, 2020, 6’6”). Com essa resposta, a protagonista apresenta o reflexo de sua educação ao não se importar com sua aparência.

Sobre o discurso misógino, observamos o seguinte trecho em que Mycroft fala sobre sua mãe: “Talvez estivesse louca, ou senil”(Enola Holmes, 2020, 8’48”). Ainda sobre sua mãe, Mycroft afirma que Eudora era velha para casar de novo, não tinha paixões ou ambições (Enola Holmes, 2020, 10’37”). Nesses dois trechos, evidenciamos a redução da mulher ao papel de esposa, limitando-a em relação sua idade e saúde mental. Em outra fala, Mycroft comenta sobre

a educação que foi dada à Enola: “Uma mulher selvagem e perigosa criou uma criança selvagem”(Enola Holmes, 2020, 12’52”). Na figura 4 podemos compreender melhor a mensagem contida nessa passagem ao observarmos a expressão corporal do personagem e nos objetos presentes na cena.

Figura 4 - Jogo de bilhar



Fonte: Enola Holmes (2020).

Na cena em questão (figura 4), Mycroft tenta acertar uma bola em uma partida de jogo de bilhar enquanto diz: “Precisamos controlar e educar”(Enola Holmes, 2020, 12’31”), Nesse comentário de Mycroft há uma mensagem implícita a respeito do pensamento da época e as mudanças do discurso que o cerca. O “perigo” contido em “selvagem e perigosa” pode ser pensado como a perturbação social causada por uma mudança discursiva. Isso se confirma ao observar que Mycroft, em vários momentos do filme, rejeita toda e qualquer mudança social, temendo abalar seu status e poder. O personagem é caricato, deixando evidente sua personalidade e seu pensamento machista logo nas primeiras cenas.

Compreendemos que, Mycroft, na figura do homem detentor do poder, tenta controlar a figura da mulher. A cena (figura 4) ilustra esse pensamento, como se, assim como o personagem contra a bola de biliar, ele controlaria a vida de sua irmã. Nota-se também que a palavra “controlar” está antes do “educar”, o que nos leva a entender que o controle é essencial para a doutrinação do pensamento. Enola, por sua vez, não aceita o discurso de Mycroft,

defendendo a educação que recebeu da mãe: “Ela não é perigosa, ela é extraordinária e sempre foi assim”(Enola Holmes, 2020, 14’39”). Além de Mycroft, outro personagem que se assemelha bastante a ele e cumpre o mesmo papel de controle do discurso é a Srta. Harrison, proprietária do internato feminino onde Enola é forçada a estudar.

Figura 5 - Srta. Harrison e Enola Holmes



Fonte: Enola Holmes (2020).

A Srta Harrison, presente na imagem a esquerda (figura 5), logo em sua primeira aparição, autointitula-se como “uma mulher a frente do seu tempo”, visto que a personagem dirige um automóvel, algo bem incomum para uma mulher na sociedade vitoriana. Se observamos sua expressão corporal, podemos verificar sua imponência e determinação, nem um pouco frágil ou submissa, podendo até mesmo ser comparada com a imagem de Enola Holmes (à direita), que pratica arco e flecha, atividade também do domínio masculino. Porém, a Srta. Harrison, diferentemente de Enola, caracteriza-se como uma mulher defensora da submissão da mulher.

Em um diálogo entre Enola e a Srta. Harrison, quando a mais velha tenta impor seus ideais à protagonista, a jovem diz que se sentirá presa ao tentar se adequar ao padrão, principalmente no que se refere ao rigoroso código de vestimenta da época. A Srta. Harrison, por sua vez, responde: “Estas roupas não vão prendê-la, vão libertá-la. Vão permitir que se encaixe na sociedade e participe de inúmeros prazeres: chamar a atenção, atrair”(Enola Holmes, 2020, 13’8”). É possível perceber o discurso vigente da época, em que a figura feminina

precisava se encaixar para ser aceita, moldando-se de acordo com o padrão, através de determinada forma de se vestir, comportar, falar e pensar. Além disso, o único prazer disponível para uma mulher era ser vista, notada por alguém.

Em um determinado momento do filme, Enola é levada de maneira forçada ao internato feminino. Nessa escola, é possível evidenciar como a imagem da mulher era pensada na Era Vitoriana. Ao observarmos as figuras 6 e 7 a seguir, pertencentes à mesma cena, veremos como as imagens se relacionam com o discurso verbal.

Figura 6 - Simetria



Fonte: Enola Holmes (2020)

Na figura 6, podemos ver o que o movimento das mãos e braços das jovens ali presentes na mesa é sincronizado, todas vestem o mesmo traje e comportam da mesma maneira. No centro imagem, encontra-se a Srta. Harrison, sentada na ponta da mesa comprida. O enquadramento da cena forma duas linhas paralelas que se unem no centro da imagem, onde a professora se encontra. Na figura 7, quando a proprietária do internato se levanta da mesa, todas param de comer no mesmo instante e olham, sincronizadamente, para a mais velha.

Figura 7 - Simetria



Fonte: Enola Holmes (2020).

Concomitantemente à essas cenas, temos a seguinte fala da Srta. Harrison: “Meninas, vocês estão aqui por um motivo. E um motivo apenas. Estão aqui para se transformar em damas. Sejam como eu mandar e vão se tornar esposas aceitáveis e mães responsáveis”(Enola Holmes, 2020, 1h19’37”). Evidenciamos nesse ponto o discurso do controle. Ser esposa e mãe era a única possibilidade permitida ao futuro de uma mulher.

No que se refere às figuras acima, observamos que todas as meninas do internato levam a colher à boca ao mesmo tempo, todas em sincronia, como se suas ações seguissem um modelo, um molde, que se evidencia na fala da Srta Harrison, em que esta diz “Sigam o caminho de muitas garotas que já estiveram onde vocês estão agora. E assim como moldamos as mentes delas, também moldaremos as suas” (Enola Holmes, 2020, 1h20’32”).

A simetria do enquadramento da cena reforça ainda mais a padronização que era ensinada no internato. O ponto de encontro do olhar das meninas e o movimento que elas fazem evidencia o caráter de submissão e obediência que deveria ser seguido. Formam-se linhas imaginárias que guiam o nosso olhar para um ponto de fuga: a líder, aquele que dita o que deve ser feito. É evidente que as imagens ilustram o pensamento vitoriano de submissão da mulher, em que esta não podia pensar diferente e, conseqüentemente, ser algo diferente. É importante pensar no fato de que a personagem proprietária do internato, apesar de ser uma mulher não casada e, de certa maneira, não submissa, visa perpetuar o discurso de submissão da figura feminina. Essa questão é o que a diferencia de Enola Holmes.

A figura 8, por sua vez, remete uma das falas iniciais do filme, em que personagem principal diz que sua mãe não lhe ensinou bordado.

Figura 8 - Bordado



Fonte: Enola Holmes (2020).

Levando em consideração a importância da prática do bordado para o contexto vitoriano, podemos dizer que há uma mensagem implícita, em que o bordado representaria essas poucas possibilidades que cabia à uma mulher. A imagem das moças do internato praticando o bordado remete, dessa forma, à uma memória discursiva, evidenciando o contexto social do filme. Contudo, Enola, por receber uma educação diferente de sua mãe, não aceita se adequar ao sistema e responde a ele de uma maneira provocativa, evidenciando sua personalidade excêntrica.

Na figura 9, por sua vez, faz referência a duas cenas em que Enola retrata Mycroft e a Srta. Harrison através de caricaturas. Podemos compreender que a protagonista considera que os dois personagens são representações caricatas, justamente por se tratar de uma arte que enfatiza e acentua as características de quem está retratando, visando provocar humor ou zombaria. As duas imagens sugerem os pensamentos de Enola em relação ao discurso do patriarcado evidenciado por Mycroft e pela Srta. Harrison. A expressão dos sujeitos representados evidenciam sentidos discursivos importantes à narrativa. A comicidade da cena sugere uma provocação de Enola sobre os discursos propagados na época.

Figura 9 - Caricaturas



Fonte: Enola Holmes (2020).

Por conseguinte, podemos interpretar que, tanto Mycroft quanto a Srta. Harrison são representações caricatas, com seus discursos conservadores, machistas e voltados para o status e aparências. Isso se evidencia se observarmos a caricatura à esquerda, em que vemos somente a representação de Mycroft. O desenho representa o personagem em sua forma caricata, levantando o dedo indicador, como se estivesse dando uma ordem.

A resistência de Enola também pode ser notada na cena seguinte, em que vemos a forma como a protagonista se comporta durante o jantar no internato feminino.

Figura 10 - Enola no jantar



Fonte: Enola Holmes (2020).

Na figura 10 vemos que a personagem, diferente das outras alunas, não possui a coluna ereta, apoiando os braços e cotovelos na mesa, além de levar a colher à boca de maneira desincronizada com elas. Temos que a personagem caracteriza-se por não seguir uma ordem, um paradigma, mas se mostra livre para ser e fazer o que deseja.

Em relação à construção da identidade de Enola Holmes, é válido ressaltar sua fuga, tanto de seu irmão quanto do internato, revelando seu caráter que anseia a liberdade e possibilidade de escolha de seu próprio caminho. Eudoria, por exemplo, em um flashback, diz: “Pode seguir por dois caminhos, Enola. O seu ou o caminho que os outros escolhem para você”(Enola Holmes, 2020, 20’19”). Com esse pensamento, impulsionada por sua mãe, Enola resolve fugir do poder do irmão. Para conseguir se esconder de Mycroft, Enola procura se disfarçar, inicialmente, Enola opta por se vestir com roupas masculinas, caracterizando-se como um jovem rapaz. Mas, ao chegar à Londres e tornar-se detetive, Enola veste-se de modo diferente do habitual, optando por utilizar o próprio código de vestimenta padrão feminino, o qual que ela mesma abomina, como o espartilho.

Figura 11 - Espartilho



Fonte: Enola Holmes (2020).

Nesse ponto, a personagem ressignifica o uso dessas roupas ao utilizá-las em benefício próprio: “Espartilho: símbolo de opressão, para quem é forçada a usar. Mas, para mim, que

escolhe usar, um aumento do busto e o alargador de quadril vão esconder a fortuna que a mamãe deixou para mim” (Enola Holmes, 2020, 38’57”). Assim, escondendo o dinheiro que sua mãe lhe deu para se libertar nas próprias roupas que tirariam sua liberdade, a personagem ressignifica também o discurso opressor, transformando-o em sua liberdade.

Dessa forma, a nova detetive consegue exercer sua profissão e não deixa que sua identidade seja apagada. Logo, podemos assumir que ela se reveinta como detetive, não sendo um molde feminino de Sherlock Holmes. Por ter que lidar com as adversalidades colocadas sobre seu gênero, dizemos que Enola se configura como uma identidade diferente do detetive máquina. Sua personalidade não fria e racionalista. Enola demonstra-se sensível aos discursos que lhe atacam, mas busca por ressignificar esses símbolos de opressão.

Figura 12 - Atuação de Enola Holmes como detetive



Fonte: Enola Holmes (2020).

As imagens anteriores (Figura 12) tiradas de duas cenas do filme evidenciam a nova configuração da detetive construída na obra. De acordo com as impressões causadas pela figura, personagem transita entre ser uma mulher padrão da sociedade vitoriana e se caracterizar como uma figura masculina. Ambas as caracterizações, todavia, representam Enola atuando como uma detetive. Assim, a personagem modifica os padrões discursivos da época, fazendo-nos entender que, ser uma mulher não influencia de maneira negativa em sua identidade como detetive.

De maneira oposta, Enola Holmes não ressignifica somente a figura de detetive, mas também a figura da mulher na sociedade, ao não aceitar os discursos que lhe são impostos. Não se trata, portanto, de um mesmo molde de personagem detetivesco do universo sherlockiano, em que o narcisismo e a inteligência e a são os fatores essenciais para a investigação do caso. A narrativa apresenta uma nova personagem redonda, dotada de qualidades, fraquezas e dilemas distintos dos de Sherlock Holmes, por exemplo. Se observarmos a cena representada pela figura a seguir, veremos que Enola, apesar de sua resistência aos discursos de opressão e poder, em dado momento necessitou aceitá-los para seu desenvolvimento na construção da narrativa.

Figura 13 - Espartilho



Fonte: Enola Holmes (2020).

A figura 13 mostra a cena em que Enola Holmes precisa de certo modo se encaixar na sociedade ao ser levada ao internato, colocando o espartilho desta vez por obrigação, e não por vontade própria. Se observarmos a imagem veremos sua expressão sofrida refletida no pequeno espelho à sua frente, evidenciando sua dor ao utilizar aquela peça por imposição social.

Comparado as imagens em que vemos Enola colocar o espartilho, podemos assimilar sentidos distintos sobre a personagem. A figura 14 representa dois momentos diferentes do enredo do filme. A imagens à esquerda, vemos Enola usando o espartilho enquanto atua como

detetive, investigando o paradeiro de sua mãe. A protagonista, como já foi dito, utiliza a peça para auxiliar em sua jornada. À imagem a direita, por sua vez, demonstra Enola presa no internato, colocando o espartilho.

Figura 14 - Comparação das cenas do espartilho



Fonte: Enola Holmes (2020).

Observamos através dessa comparação de cenas, a diferença de como a personagem é representada usando o espartilho. Se repararmos na imagem à esquerda, veremos que Enola se reflete de corpo inteiro no espelho à sua frente. Ela possui uma expressão tranquila no rosto, olhando diretamente para a câmera, parecendo confortável em utilizar a peça em seu corpo. Há também mais vivacidade nas cores. A figura à esquerda, por sua vez, traduz outras sensibilidades. Nela, Enola puxa o espartilho com força, mostrando sentir dor e desconforto, enquanto somente seu rosto é refletido, indicando um aprisionamento da protagonista no enquadramento do espelho, além das cores estarem mais frias e o ambiente ter pouca luz.

Dessa forma, podemos entender que Enola torna-se uma detetive ao mesmo tempo que destrói os discursos impostos à figura feminina. É através dessa figura detetivesca que a personagem busca seu papel no mundo. Diferentemente de, Sherlock Holmes, que se caracteriza por ser um homem com poder, dinheiro e status, Enola se transforma em uma investigadora para fugir de um sistema opressor. Sua profissão, dessa forma, é a sua libertação.

Contudo, mesmo obtendo bastante sucesso em sua jornada, a protagonista não conquista sua liberdade sozinha. Enola, em um determinado ponto do enredo do filme, necessita da ajuda de um outro personagem. Para fugir do internato, Enola é salva por uma figura masculina, o Lorde Tewkesbury, o qual a protagonista já havia salvado também em

determinado momento do filme. Contudo, mesmo que uma figura feminina auxilie Enola, a protagonista não é dada como frágil. Na verdade, o que se compreende é exatamente o contrário. Isso pode ser evidenciado na imagem retratada na figura 15, em que vemos os dois personagens fugindo do internato.

Figura 15 - Enola dirigindo



Fonte: Enola Holmes (2020).

Na imagem, podemos observar que Enola é quem dirige o automóvel. Desse modo, é possível fazer uma alusão de que é a protagonista quem ainda está no controle de sua vida e de suas escolhas. É a personagem feminina que decide o caminho, mesmo com um companheiro homem ao seu lado. Podemos ainda salientar outros sentidos a esta imagem ao compararmos com imagem da Srta. Harrison dirigindo o automóvel. Diferentemente da Srta. Harrison, é provável que seja Enola quem esteja “à frente de seu tempo”, visto que a detetive não cede aos discursos de dominação.

Assim, os acontecimentos narrativos demonstram que, diferentemente de Sherlock, Enola Holmes é uma personagem feminina que vive dentro de uma sociedade repleta de adversidades que a atingem diretamente. Logo, a detetive não se constrói sozinha, assim como não adquire seus conhecimentos por si mesma. Através dos ensinamentos dos outros personagens da história, Enola constrói sua identidade.

Depreendemos, através das imagens e do discurso verbal, que a figura de detetive na adaptação em análise é simbólica a partir do que esta sugere à liberdade feminina no contexto social em questão. Temos que as mudanças na ordem social ao se evidenciar uma resistência aos padrões femininos são características fundamentais para a construção da identidade da detetive.

4. 2. 1 A ordem do discurso em “Enola Holmes”

Com base na análise realizada na seção anterior, observaremos agora questões relacionadas à ordem do discurso presente na produção. Observamos que Enola Holmes se configura como uma construção distinta da figura de Sherlock Holmes, justamente por se tratar de uma mulher detetive no contexto vitoriano. Através dos discursos de poder que circundam a protagonista, percebemos que a figura feminina é menos privilegiada do que a masculina.

Dessa forma, podemos dizer que, durante a Era Vitoriana, o gênero determinava o que podia ser dito, quem poderia dizer e de que maneira. Foucault (1996), como já foi mencionado, afirma que os discursos estão atrelados a um jogo de poder. A ordem do discurso, assim, reflete os discursos permitidos em um dado contexto social., destacando as relações de poder e, conseqüentemente a hierarquização e os processos de dominação.

Se olharmos para os discursos presentes nas falas de Mycroft e da Srta. Harrison, podemos evidenciar essas relações de poder. A questão do casamento, da maternidade e dos bons costumes fazem parte daquilo que se compreendia como o modelo a ser seguido. Por outro lado, o feminismo e a luta pelos direitos da mulher se configuram como tabus, não devendo ser disseminados pelos sujeitos sociais. O controle do discurso estava nas mãos de quem detinham o poder, que eram homens, brancos e de classes abastadas. Mycroft é, desse modo, a representação do controle e da conseqüente dominação.

A representação da loucura pode ser evidenciada no filme. A loucura, como já foi explicado anteriormente, é o oposto da racionalidade. Entretanto, compreendemos que a razão pode ser compreendida como o convencional, aquilo que se entende como verdade, ou até mesmo, o que se já se conhece. Dessa forma, quando Mycroft Holmes intitula sua mãe como “louca” por seu sumiço repentino, tendo em vista a personalidade excêntrica de Eudoria, podemos perceber que a loucura está associada à não aceitação dos padrões impostos socialmente. Isso se confirma com o discurso do perigo, em que o mesmo personagem fala sobre a matriarca, dizendo que se trata de uma mulher “perigosa e selvagem”. O perigo é justamente a não aceitação da mudança da ordem do discurso.

Desse modo, Enola Holmes, sendo uma mulher que pensa diferente, assim como Eudoria, oferece um perigo à ordem social. Torna-se uma detetive significa a negação de um padrão de comportamento frágil e submisso. Enola, por sua vez, ao construir sua identidade ao longo do enredo, modifica a ordem do discurso. Ao lutar contra o sistema, mesmo que fugindo dele no primeiro momento, a personagem coloca para si o direito de suas próprias escolhas, não deixando que estas sejam controladas pela figura masculina.

Ao se tornar uma heroína da sociedade, Enola capta para si mesma o discurso que anteriormente só pertencia ao homem. Sherlock Holmes, que sempre está no papel de protagonista nas narrativas, desta vez encontra-se em uma posição de coadjuvante, mesmo tendo um papel muito importante ao servir de inspiração para Enola. Devido às circunstâncias sociais e históricas das quais a protagonista necessita enfrentar, uma nova configuração detetivesca é evidenciada. Diferentemente do que se esperava de uma mulher, Enola preocupa-se mais em conquistar sua liberdade, sendo, assim, a heroína de sua própria história.

Concluimos a análise compreendendo que os discursos modificados por Enola constroem sua identidade e a configuram como uma personagem complexa e redonda, igual a Sherlock. Essa heroína no contexto do século XIX não é caracterizada por seu caráter racional, narcista e com a mentalidade brilhante para resolver os casos. Podemos observar que sua inteligência e perspicácia a auxiliam em todo o processo de conquista de sua liberdade. Ela é caracterizada justamente e principalmente por causar mudanças à ordem do discurso, ao modificar os padrões de pensamento e comportamento que são evidenciadas tanto pelo discurso verbal quanto pelo não verbal.

CONCLUSÃO

Nesse capítulo de conclusão é apresentada a síntese da pesquisa realizada, articulando-se as discussões teóricas e os resultados das análises. O objetivo principal dessa pesquisa era analisar sobre a construção da detetive protagonizada por “Enola Holmes”, a fim de evidenciar quais foram as questões discursivas que estão relacionadas a essa construção. A pesquisa, que pretendia inicialmente colaborar como os estudos discursivos, principalmente no que se refere à Semiologia Histórica, mostrou-se eficiente ao abordar uma materialidade contemporânea como a produção audiovisual utilizada.

Pode-se, assim, dizer que o objetivo geral da pesquisa foi cumprido, que era discutir como as imagens presentes na produção audiovisual, atreladas ao seu discurso verbal, evidenciam a identidade da figura feminina do detetive. Como objetivos específicos, buscou-se a) observar as expressões corporais e gestuais dos personagens que compunham o filme, além dos demais elementos das cenas, como o cenário e o figurino, analisando como as imagens constroem o discurso. Essas expressões foram observadas e notou-se que os pequenos indícios presentes nas cenas oferecem sentidos importantes, que podem ser à primeira vista ignorados.

b) pensar na ordem do discurso e nas relações de poder. Através dos diálogos e das imagens, o que foi observado é o discurso de controle e dominação em oposição ao de liberdade. Assim, observou-se que o patriarcado sofre modificações que são fundamentais para a narrativa e a construção da personagem; c) por último, pensar na revisitação histórica para o contexto social vitoriano fazendo uma comparação com o contexto atual, visando perceber a figura feminina e o seu papel social.

Como resultado do presente trabalho, o que foi percebido através da análise discursiva, é que a construção de Enola Holmes resulta de sua luta como uma mulher na sociedade vitoriana. Diferentemente de Sherlock Holmes, Enola Holmes busca novos caminhos, trilhando a profissão de detetive inicialmente para encontrar sua mãe e se afastar do sistema de dominação patriarcal. A protagonista é, assim, como Sherlock, pode ser considerada uma personagem complexa, visto que se trata de uma figura de personalidade marcante e multifacetada, caracterizada principalmente por uma força de resistência feminina e um caráter provocativo.

É através dessa resistência, que pode ser evidenciado tanto no discurso verbal quanto nas imagens, que a protagonista se constrói como uma detetive de personalidade única. A não aceitação dos discursos de submissão da figura feminina sugere a mudança de um paradigma social. Pode-se dizer que a figura do detetive é simbólica, visto que se trata de um meio para Enola conquistar sua própria liberdade. O discurso presentes na imagens evidencia de maneira

mais intensa todo o processo de resistência da protagonista. É através do discurso imagético que a força feminina se evidencia com mais clareza na narrativa.

Dessa forma, o estudo contribui para uma nova percepção das materialidades sincréticas dentro do âmbito da Análise do Discurso, sugerindo que esta vertente linguística seja capaz de analisar não somente textos verbais, mas também materiais audiovisuais. Expande-se assim as teorias discursivas, sugerindo a análise de outros materiais da mesma natureza ou que possuam elementos ainda mais singulares ou complexos.

É possível, assim, pensar a respeito das ampliações que podem ser atribuídas à pesquisa, incluindo novas teorias semióticas, como a semiótica de Greimás, a fim de oferecer a pesquisa um certo aprofundamento, investigando novas questões sobre o mesmo objeto de análise. Outra proposta é analisar outras materialidades audiovisuais do gênero policial de contextos ficcionais diferentes, percebendo como os discursos verbais e não verbais constroem a discursividade dos personagens e da narrativa.

Com isso, finaliza-se o trabalho com a expectativa de ter contribuído com a Análise do Discurso e com toda a sua reflexão teórica e metodológica, expandindo esse conhecimento discursivo para além do verbal. Dessa maneira, abre-se espaço para objetos de pesquisa sincréticos, percebendo que os sentidos estão atrelados aos pequenos detalhes, cabendo ao analista observá-los.

REFERÊNCIAS

A beleza mortal da Era Vitoriana. Disponível em:

<https://psantinati.wordpress.com/2021/06/16/era-vitoriana/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BERNARDES, Genilda Darc. Resenha de "A ordem do discurso" de Michel Foucault.

Sociedade e Cultura, v. 7, n. 2, pp.247-250, 2004. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Brasil. Disponível em: Resenha de "A ordem do discurso" de Michel Foucault (redalyc.org). Acesso em: 17 de ago. 2024.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

BRAGA, Amanda. O paradigma indiciário na análise do discurso: de Monalisa a Mandela. **Revista Letras Raras**, v.4, n1, p.54-44, 2014.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo.E.S. **A personagem da Ficção**. 11 ed. Editora Perspectiva: São Paulo, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. **Corpo e discurso: uma história de práticas de linguagem/** Jean-Jacques Courtine (Org.). Tradução Carlos Piovezani. -Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

_____. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault/** Jean-Jacques Courtine; tradução de Francisco Morás. -Petrópolis, RJ: Vozes: 2013.

DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes**. Tradução Maria Luiza X. De A. Borges. Ed de bolso. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Tradução de: The new annotated Sherlock Holmes, v.1: The adventures of Sherlock Holmes; The memoirs of Sherlock Holmes.

ENOLA Holmes. Direção: Harry Bradbeer. Produção: Mary Parent, Alex Garcia, Millie Bobby Brown, Paige Brown, Ali Mendes, Bradbeer. Intérpretes: Millie Bobby Brown, Henry Cavill, Sam Claflin. Reino Unido: Netflix, 2020.

FABRICIO, C. L. **Marginalização feminina na era vitoriana representada no romance Tess, de Thomas Hardy**. 2015. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, 2015. Disponível em: TCC-Letras-2015-Arquivo.011.pdf (ufam.edu.br. Acesso em: 15 de agos

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

LOPES, J. **O bordado na era vitoriana**. Disponível em:

<https://www.julianalopes.art.br/2018/03/o-bordado-na-era-vitoriana.html#:~:text=Com%20uma%20grande%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20hist%C3%B3rica>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MONTEIRO, M. C. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e alouca. **Fragmentos**, Florianópolis, v.8, nº1, p.61-71, 1998.

NEBIAS, Marta Maria Rodriguez. Figurações da personagem detetivesca. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 52, n. 2, p. 183–191, 2017. DOI: 10.15448/1984-7726.2017.2.25776. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/25776>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni; SENKO, Elaine Cristina. Perspectivas da era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, [S. l.], n. 10, p. 189–215, 2016. DOI: 10.24858/209. Disponível em: <https://www.dialogosmediterrânicos.com.br/RevistaDM/article/view/209>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SANTOS, Raphael. **Cozy Mystery**: o que é um mistério acolhedor? Descubra os melhores livros de mistério aconchegantes. Escrita Selvagem, 2023. Disponível em: Cozy Mystery: o que é um mistério acolhedor? (escritaselvagem.com.br). Acesso em: 16 jan. 2024.

SPRINGER, Nancy. **Enola Holmes**: O caso do marquês desaparecido. Tradução Livia Koepl. 11 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Verus Editora, v. 1, 2022. (Os Mistérios de Enola Holmes). Tradução de: *The Case of the Missing Marquess: An Enola Holmes Mystery*.

TORRES, Lyssandra Maria Costa. **A persuasão em textos sincréticos**: uma leitura semiótica de anúncios do Ministério da Saúde. 2013. 89f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.